

NOTAS DE LIVROS E ARTIGOS RECENTES  
SOBRE A AFRICA

I.

1. R. J. HARRISON CHURCH, *West Africa. A Study of the environment and of man's use of it*. Londres e Nova Iorque, Longman, 1980, XXXI + 526 p., c. 1 centena de figs., 116 ests., numerosos quadros.

Na colecção de «Geographies for advanced study» saiu em 1980 a 8.<sup>a</sup> edição da obra em referência, revista e actualizada, com um capítulo novo sobre «Soils and soil management», escrito por R. P. MOSS. O livro mantém o interesse despertado desde a 1.<sup>a</sup> edição (1957), pela clareza do texto e a abundância da ilustração adequadamente trabalhada, pela informação criteriosamente seleccionada e de fácil acesso para todos. No prefácio o autor explica a importância da África Ocidental, tema do livro, pelo facto de estar em contacto com o mundo exterior há mais tempo que qualquer outra parte do continente ao Sul do Sara; por motivo da originalidade das profundas alterações políticas, económicas e sociais que aí sempre tiveram lugar; pelo maior impacto que lhe cabe nas relações entre a África e os outros continentes.

Dividido em três partes (depois dos textos do prefácio, de pequenas notas sobre esta edição e a anterior, de nomenclatura geográfica e de uma introdução), na primeira, intitulada «As bases físicas da África Ocidental» (pp. 3-90), são apresentados aspectos da geologia subcontinental, das costas e praias; do relevo e da drenagem; do clima, com suficiente desenvolvimento e muita ilustração; da vegetação, dos solos e sua utilização. A segunda parte abrange, sob o título geral de «Os recursos e o seu aproveitamento» (pp. 92-179), capítulos sobre a agricultura, o gado, as pescas, as riquezas minerais, as fontes de energia, a indústria, os transportes e a população. Tendo sido actualizados os valores estatísticos e outros dados, contudo pouco difere das edições anteriores.

A terceira parte, «As divisões políticas», no sentido de unidades políticas ou estados, começa com uma introdução (pp. 183-191), a que se segue a apresentação de pequenas monografias sobre cada país, que o autor intitula de modo particular: o Senegal — a base antiga (pp. 192-223); a Gâmbia — um enclave ribeirinho (pp. 224-232); Mauritânia — a ligação com a África do Norte (pp. 233-243); Mali — socialismo marxista num estado do interior (pp. 244-263); Alto Volta — terra

dos Mossi (pp. 264-270); Níger — um dedo no deserto (pp. 271-279); Guiné-Bissau — terra de estuários e rios (pp. 280-285), uma actualização do artigo de ORLANDO RIBEIRO incluído em edições anteriores; Guiné — socialismo marxista em bacias planálticas (pp. 286-302); Serra Leoa — contribuição britânica para a instalação de escravos libertados (pp. 303-326); Libéria — «O amor da liberdade trouxe-nos aqui» (pp. 327-339); Costa do Marfim — alto capitalismo numa terra de grande potencial (pp. 340-454); Gana — terra de cacau e minerais (pp. 335-395); Togo — diversidade em miniatura (pp. 396-405); Benim — lar ancestral de muitos brasileiros (pp. 406-414); a Federação da Nigéria — o gigante da África Ocidental (pp. 415-481). A citação das páginas dá a imagem dos diferentes tamanhos das monografias e sua importância relativa. Em relação às edições anteriores desapareceram as de Fernando Pó, S. Tomé e Príncipe considerados pelo autor como melhor colocados na parte ocidental da África Central, portanto, fora do âmbito do livro.

A conclusão ocupa as pp. 482-484, sendo evidenciados vários aspectos: variedade da dimensão e localização das unidades políticas; o facto de todos os países, com excepção da Libéria, terem sido colónias, francesas (9), inglesas (4) e portuguesa (1), cujas independências ocorreram a partir de 1957; tentativas de arranjos regionais (federações) e sua fragmentação; os problemas latentes das fronteiras coloniais; contrastes entre o desenvolvimento das faixas litorais e o atraso do interior; a agricultura, base essencial, e os seus problemas; os perigos da erosão dos solos; industrialização e suas consequências. No fim do volume aparecem notas, referências bibliográficas e cartográficas dispostas de acordo com os 26 capítulos, lista de abreviaturas utilizadas e índices de nomes e termos geográficos. É pena que, entre as numerosas actualizações, o autor não tivesse incluído dados acerca da última grande seca, que teve tão graves consequências na zona do Sahel; e de acontecimentos políticos ocorridos desde 1974 (data da edição anterior, a 7.<sup>a</sup>). Também, sem qualquer explicação, Cabo Verde não consta da série de monografias da terceira parte.

2. M. FORTES, E. E. EVANS-PRITCHARD, *Sistemas Políticos Africanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, 521 p.

Tradução de um original inglês editado por dois professores, de Antropologia Social da Universidade de Cambridge e de Sociologia da Universidade de Oxford, em 1940, com um prefácio de A. R. RADCLIFFE-BROWN. Os editores apresentam o livro «como a primeira fase de um inquérito mais vasto sobre a natureza e desenvolvimento dos sistemas políticos africanos: o estudo comparado das instituições políticas, de importância para os povos de África». Colaboraram vários autores.

Na introdução aqueles dois professores consideram que «cada ensaio é uma condensação de um estudo detalhado do sistema político de um só povo, efectuado nos últimos anos pelos métodos mais avançados de trabalho de campo, por investigadores treinados na teoria antropológica» (p. 27). Tal introdução contém os seguintes pontos (pp. 25-62): 1. objectivo

do livro; 2. uma amostra representativa de sociedades africanas; 3. a filosofia política e a política comparativa; 4. os dois tipos estudados de sistema político; 5. parentesco na organização política; 6. a influência da demografia; 7. a influência do modo de vida; 8. sistemas políticos compostos e a teoria da conquista; 9. o aspecto territorial; 10. o equilíbrio de forças no sistema político; 11. a incidência e função da força organizada; 12. diferenças em resposta ao governo europeu; 13. os valores místicos associados à função política; 14. o problema dos limites do grupo político.

Pela ordem em que aparecem no livro, são reunidos estudos de oito sistemas que os editores consideram largamente difundidos no continente africano, mas conscientes de que não cobrem todos os tipos de sistemas políticos aí existentes. Todavia, traídos por uma preocupação de síntese, pretendem que «os sistemas políticos descritos neste livro se arrumam sob duas categorias principais — um grupo de sociedades que têm autoridade centralizada ('um governo') e o outro, de sociedades a que falta autoridade centralizada ('sem governo')...» (p. 31).

O reino dos Zulos na África do Sul, é estudado por MAX GLUCKMAN (pp. 63-115, 1 fig.); a organização política dos Ngwato do Protectorado da Bechuanalândia (actual Botswana), é de I. SHAPER (pp. 117-161); o sistema político da tribo Bemba do Nordeste da Rodésia (Zimbabué), pertence a A. I. RICHARDS (pp. 163-226, 1 diagrama); o reino dos Ankole no Uganda, deve-se a K. OBERG (pp. 227-293); os Kede, um estado ribeirinho do Norte da Nigéria, tem a assinatura de S. F. NADEL (pp. 295-344, 1 fig.); a organização política dos bantos do Kavirondo, foi escrita por G. WAGNER (pp. 347-410, 1 fig.); M. FORTES contribuiu com o estudo de o sistema político dos Tallensi da Costa do Ouro (pp. 413-468, 1 fig.); e E. E. EVANS-PRITCHARD com outro sobre os Nuor do Sul do Sudão (pp. 469-508, 3 diagramas). A localização geográfica mostra que foram estudados dois casos da África Ocidental (os Kede e os Tallensi) e os outros ficam situados na África Oriental (desde os Nuer aos Zulos). Uma bibliografia suplementar indica quatro títulos de I. SHAPER, um de S. F. NADEL, dois de M. FORTES, um de E. E. EVANS-PRITCHARD e um de G. WAGNER, com datas entre 1941 e 1965.

Sem podermos negar o interesse dos textos incluídos no livro, tidos já como exposições clássicas sobre matérias tão controversas, lamentamos contudo que não tivesse sido preparada uma nota para esta edição em português, saída quarenta anos depois da publicação do original em inglês. Neste longo período quantas alterações importantes se deram! Houve uma Segunda Guerra Mundial, em que muitos africanos foram levados a tomar parte nela, como soldados incorporados nos exércitos dos seus colonizadores; a partir de finais desse conflito desencadearam-se os importantes processos que levaram à independência das antigas colónias e a sua transformação em estados soberanos; foram muito importantes as alterações políticas, económicas e sociais que afectaram os sistemas indígenas em toda a África.

## II.

1. Por ocasião do seu 20.º aniversário, *Genève-Afrique*, revista da «Sociedade Suíça de Estudos Africanos», dedicou o primeiro número de 1982 ao problema dos refugiados africanos, que merece a maior atenção não só pelos totais envolvidos, mas também pelas suas consequências. Em 1960 a África contaria cerca de 200 000 refugiados: dos Camarões (desde Maio de 1955), da Argélia (1957), do Ruanda (1959), do Zaire (1960), de Angola (1961), etc. Actualmente, o valor total é de cerca de 5 milhões de deslocados. Deste modo pode bem dizer-se que disputa o primeiro lugar com o *apartheid*, na qualidade de problemas que preocupam cada vez mais a comunidade internacional, como ficou demonstrado na Conferência Internacional realizada em Genebra, em Abril de 1981, por iniciativa das Nações Unidas. A África, que nos finais do século passado, passou da calamidade da escravaria à total dominação colonial, entrará no novo século afundada em nova tragédia. A instabilidade crescente dos regimes políticos africanos contribui, sem dúvida, para o agravamento do problema. Mas os países que colonizaram a África também partilham dessa responsabilidade; por um lado, por não terem favorecido o estabelecimento de regimes verdadeiramente democráticos nas suas antigas colónias, por outro lado, pelo facto de terem favorecido certas camadas sociais ou grupos étnicos porque melhor defendiam os seus interesses.

Daquele número de *Genève-Afrique* fazem parte textos de autores africanos, conhecedores, eles próprios, da condição de refugiado. MICHEL NDOH, jurista e dirigente da União das Populações dos Camarões (UPC), escreve sobre «Les réfugiés africains: statut juridique et réflexions» (pp. 9-38), apoiando-se essencialmente na Convenção de Genebra, de 28 de Julho de 1951 (revista pelo protocolo de 31 de Janeiro de 1967) e na Convenção Regional da OUA, de 10 de Setembro de 1969; analisa a questão sob o seu duplo aspecto jurídico e político, em três pontos — o direito comum dos refugiados (incluindo comentários à definição de «refugiado»), as especificidades africanas e as causas do êxodo dos refugiados. A jornalista LORNA DE SMITH, em «Home is not where the bed is...» (pp. 39-47), descreve as etapas do seu exílio, da África do Sul para o Botswana e depois para a Europa, os problemas agravados pela incompreensão, nomeadamente de algumas organizações internacionais; com o seu testemunho pessoal pretende dar exemplo do que significa «ser refugiado». O economista JEAN SAYINZOGA, em «Les réfugiés rwandais: quelques repères historiques et réflexions socio-politiques» (pp. 49-72), relata as circunstâncias que forçaram tantos ruandeses a fugirem do seu país e analisa as diversas consequências desse êxodo; salienta também o papel negativo desempenhado pela antiga potência colonial, neste caso a Bélgica. De EYA NCHAMA, historiador e Secretário-Geral da Aliança Nacional de Restauração Democrática da Guiné Equatorial, «La décolonisation de la Guinée Equatoriale et le problème des réfugiés» (pp. 73-128), ressaltam conclusões análogas, ao analisar o êxodo dos refugiados do seu país e a tomada do poder pela ditadura

de Macias Nguema; ao mesmo tempo recorda como, antes da independência, a Guiné Equatorial fora uma terra de asilo para refugiados cubanos, camaroneses, alemães, espanhóis e outros. A valiosa bibliografia «World Refugee Movements, 1970-1980», aumenta o valor deste trabalho.

A revista inclui ainda outros textos de interesse. KALONJI-T. ZEZENZE, linguista, examina os efeitos das notícias de dois jornais franceses, *L'Aurore* e *Figaro*, a propósito da segunda guerra do Shaba (antigo Katanga) e da intervenção francesa — «La deuxième guerre du Shaba dans la presse 'pro-interventioniste' em France» (pp. 147-169) — num exercício de quantificação dos componentes dos noticiários, da estratégia dos títulos, da fraseologia dos editoriais, etc. ROGER CHARLTON, a propósito de um artigo de J. I. ELAIGWU, «Military Intervention in Politics: An African Perspective», *Genève-Afrique*, XIX (1), 1981, pp. 17-38, escreve «Military Intervention in Politics: some comments on J. I. ELAIGWU's 'African Perspectives'», na secção de «Tribuna dos Leitores» (pp. 172-176); afirma que, na prática, a militarização da política em Africa, como também noutros lados, trouxe poucas vantagens claras mas, em contrapartida, muitas desvantagens «not the least of which remains the massive, tragic and persistent problem of refugees».

2. *Cahiers d'Études africaines*, da «École des Hautes Études en Sciences Sociales», de Paris, publicado com o apoio do CNRS, ofereceu mais um número temático, o 81-83, XXI (1-3), 1981, sobre *Villes africaines au microscope*, 454 p., abundante ilustração e informações bibliográficas do maior interesse. O conjunto de artigos é dedicado a PAUL MERCIER e a MARC VERNIÈRE; a organização do volume ficou a dever-se a JEAN-MARIE GIBBAL, ÉMILE DE BRIS, ALAIN MARIE, ANNIK OSMONT e GÉRARD SALEM, que assinam a Nota de introdução, «Situations urbaines et pratiques sociales en Afrique» (pp. 7-10) e o primeiro artigo, «Position de l'enquête anthropologique en milieu urbain africain» (pp. 11-24). Os textos estão distribuídos em seis secções: tipos de sociabilidade (6 trabalhos, pp. 25-127), sistemas residenciais (2, pp. 129-195), pequenas ocupações (4, pp. 197-250), redes profissionais (2, pp. 251-288), proletários ou marginais (2, pp. 289-374), e histórias de cidades (2, pp. 375-403).

A diversidade dos temas pretende cobrir, de certo modo, a complexa realidade do fenómeno urbano em África. São manifestas a feição comum da preferência pelo tratamento monográfico, a partir de uma cuidada observação qualitativa, e a intenção de se romper com as grandes construções teóricas que, muitas vezes, marcaram os estudos de Sociologia urbana. Em 1973 *Cahiers d'Études africaines* já consagrara o n.º 51, XIII (3) às cidades africanas, sobretudo às transformações sociais e espaciais produzidas por uma urbanização acelerada. Nessa altura PAUL MERCIER e GILLES SAUTTER assinavam balanços que continuam válidos, nos quais propunham algumas orientações de pesquisas, umas monodisciplinares, tais como a análise antropológica dos meios sociais urbanos, ou das paisagens urbanas; outras nos domínios do cruzamento da Antropologia com a Geografia, como o estudo das relações entre a cidade e o campo, dos processos migratórios e modos de inserção dos

indivíduos nas cidades. Um e outro sublinhavam o facto de a cidade «aparecer, em primeiro lugar, como um campo fechado no qual se confrontavam um espaço interno e um espaço externo» (G. SAUTIER, «Recherches en cours sur les villes d'Afrique noire: thèmes et problèmes. Point de vue d'un géographe», pp. 405-416), e como, na sociedade urbana actual, se podiam distinguir «a renovação no quadro de agrupamentos aparentemente novos (...) de tipos de solidariedade e as principais funções asseguradas pelos grupos antigos, em particular os de linhagens (P. MERCIER, «Quelques remarques sur le développement des études urbaines», pp. 397-404).

No essencial, a atenção recai sobre os «espaços sociais», as práticas dos cidadãos em situações concretas, as suas reacções marginais perante a regulamentação, a imaginação social e a invenção de mecanismos de sobrevivência, a reinterpretação, em meio urbano, da utilização de espaços e de práticas sociais aperfeiçoadas, noutros tempos, nos ambientes rurais. Em quase todos os artigos são mais evidentes as preocupações com a «cidade real» que em relação à «cidade legal». Faltando, por vezes, as análises minuciosas dos mecanismos entre esses dois tipos, nem por isso os textos deixam de revelar aspectos da maior importância e de indicar novas direcções de pesquisa para o melhor conhecimento dos mecanismos do fenómeno de urbanização em África, em particular no que diz respeito a aspectos como a marginalidade social e económica, as relações entre centro e periferia, interior e exterior, cidade e campo. Muitos tópicos ficaram mencionados para uma discussão sobre políticas urbanas, embora o tema não tivesse sido especificamente abordado. A maior virtude estará, certamente, no cuidado em se evitar a aplicação de modelos explicativos demasiado eurocentristas, para se procurar a compreensão dos problemas pela análise das realidades urbanas, tal como elas se apresentam, vistas de dentro e de baixo, e não, como se poderia imaginar, de fora e do alto.

Por vários motivos achamos interessante a reprodução dos títulos dos artigos. 1. Sociabilidades: Loin de Mango. Les Tiokossi de Lomé (J. M. GIBBAL); An instance of articulation from Northern Nigeria (P. M. LUBECK); Fonctions et activités des *dahira* mourides urbains, Sénégal (M. C. DIOP); Les *Kedro* de Bangui: un espace urbain «oublié» (M.-F. ADRIEN-RONGIER); Délinquance juvénile et urbanisation au Niger et au Nigeria (D. POINTOU). 2. Sistemas residenciais: Contenu géographique et contenu social de la notion de résidence. Quelques réflexions à partir des résultats d'enquêtes biographiques effectuées à Lomé, Togo et Acra, Ghana (E. LE BRIS); Stratégies familiales, stratégies résidentielles en milieu urbain (A. OSMONT). 3. Pequenas ocupações ou ofícios: Les vélos de Kaolack (A. MORICE); Enquête sur les «tabliers» de Niamey: dépérissement et reconquête d'une ville (G. LAVAL); Les perspectives d'accumulation dans la petite industrie de transformation. L'exemple de la menuiserie métallique à Maradi, Niger (EM. GRÉGOIRE); Les restauratrices de la zone industrielle de Dakar, ou la guerre des marmites (M. B. DIOUF). 4. Redes profissionais: Étrangers, logeurs et patrons.

L'improvisation social chez les commerçants soudanais de Lomé (M. AGIER); De la brousse sénégalaise au Boul'Mich: le système commercial mouride en France (G. SALEM). 5. Proletários ou marginais: Change and consciousness in urban Africa: African workers in transition (P. C. W. GUTKIND); Marginalité et conditions sociales du prolétariat urbain en Afrique. Les approches du concept de marginalité et son évaluation critique (A. MARIE). 6. Histórias das cidades: Les moments fondateurs de quelques villes coloniales (A. SINOU); Les métamorphoses urbaines d'un «double» villageois (J.-P. DOZON).

3. «Póles d'États et frontières en Afrique contemporaine», de JEAN GALLAIS, publicado em *Les Cahiers d'Outre-Mer*, Bordéus, 138, 1982, pp. 103-122, é a revisão do texto incluído no n.º 15 de *Cahiers géographiques de Rouen*, do ano anterior, dedicado a estudos sobre «mobilidade, reservas de espaço e fronteiras, 1970-1980», na zona do Sahel. Constitui um artigo notável, de muitos pontos de vista. A África contemporânea, sobretudo ao norte do equador, é apresentada como uma área admirável para o estudo dos espaços caracterizados por interferência das acções humanas: desde aqueles de ocupação tradicional com os seus limites, aos que ficaram demarcados pelas fronteiras traçadas pelas potências coloniais no início deste século. Dentro deles são definidas curiosas relações entre núcleos «etno-demográficos», pólos estatais e estados modernos (fig. 1). Tendo em vista as condições humanas e culturais do Sahel, o trabalho desenvolve-se pelas seguintes alíneas: 1. Da faixa (tradicional) delimitante à fronteira (moderna); 2. do núcleo etno-demográfico ao pólo estatal; 3. variedades de «contramodelos»; 4. destabilização e interpretação dos efeitos; 5. pólos políticos, o papel do Islão; 6. movimentos regionalistas ou independentistas, conflitos de fronteiras. Segundo o autor, ao referir-se aos conflitos que aí se eternizam, sem que apareça uma solução satisfatória, essa parte da África pode comparar-se aos Balcãs do último século. Com o desaparecimento do império colonial as etnias disputam entre si a hegemonia no quadro do Estado-nação. Cerca de trinta notas de rodapé e a ilustração enriquecem ainda mais o texto tão cheio de sugestões para outras abordagens dos temas propostos.

4. *Afrique Contemporaine. Documents d'Afrique Noire et de Madagascar*, revista bimestral publicada por *Documentation Française, Centre d'Études et de Documentation sur l'Afrique et l'Outre-Mer*, Paris, reservou espaços importantes dos seus números 106 (Novembro-Dezembro) de 1979 e 107 (Janeiro-Fevereiro) de 1980 à dita África lusófona. No primeiro contribuem R. PÉLISSIER, com «L'Afrique lusophone: problèmes et perspectives» (pp. 1-4, de duas colunas por página), B. LANNE, «L'Angola de 1975 à 1979» (pp. 5-8), P. BALMES, «Le Mozambique» (pp. 8-15) e de novo B. LANNE com «São Tomé e Príncipe» (pp. 15-17). No segundo, H. J. DE DIANOUX escreve acerca de «La Guinée-Bissau et les îles du Cap Vert» (pp. 1-16). Em síntese se referem os autores a alguns factos históricos da colonização, às lutas pela independência, às independências,

e situações políticas e económicas actuais dos jovens estados de expressão oficial portuguesa.

*ILÍDIO DO AMARAL*